

“Eu era dois, diversos?” — A fala entre parêntesis revisitada¹

Age de CARVALHO

Conheci **Max Martins** apresentado por Benedito Nunes, num encontro promovido em sua casa na Travessa da Estrela, em abril de 1980. Max contava 54 anos de idade, eu indo pelos meus 21. Há pouco havíamos dividido o prêmio-publicação da então Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a extinta Semec, na categoria Poesia de original literário. O júri não houve por se decidir sobre qual de nossos livros levaria o prêmio — Max concorrendo com *O risco subscrito* e eu estreando com *Arquitetura dos ossos* — e assim, consultada a verba disponível, resolveram por bem premiar aos dois. Devo a isso — ao empate no certame, a essa casualidade, portanto — o início da nossa amizade, que duraria até a sua morte, em 2009.

Não nos separaríamos mais. Os anos 80 do último século foram particularmente intensos em Belém, que vivia a euforia da revitalização de logradouros públicos, a redes- coberta da Cidade Velha a partir da recém-reformada Praça do Carmo e da nova Praça do Açaí e as memoráveis festas populares do Bar do Parque, agora maciçamente frequentado por um público universitário, além dos contumazes motoristas de táxi, jornalistas em final de expediente noturno, artistas em geral e, desde sempre, prostitutas. Foi nesse cenário neo-romântico que Max e eu começamos a andar juntos, um tempo que ele logo chamaria de a sua “segunda juventude”, também porque, conseqüentemente, passou a frequentar uma turma jovem por mim apresentada, contemporâneos meus que cambiavam com o poeta mais velho a moeda comum da amizade entre a experiência da idade e certa irresponsabilidade querida e juvenil. Um tempo intenso e de grandes movimentações que passaria a figurar em seu repertório poético em forma de nomes de pessoas, viagens e alusões anedóticas nos livros que escreveria nas décadas de 80 e 90, as mais profícuas, publicando com uma continuidade jamais antes experimentada. Essa “segunda juventude” reapareceria, lembrada com

¹ (Leitura proferida no Colóquio Max Martins 90, realizado no período de 14 a 17 de junho de 2016, na UFPA, Belém, Pará).

Recebido em 25 de novembro de 2016.
Aprovado em 30 de novembro de 2016.

eloquente frequência, em largos trechos das cartas que trocamos ao longo dos anos, após a minha saída de Belém, uma correspondência que iria se estender até as portas do novo milênio, quando a doença que o debilitaria fatalmente começava por dar os primeiros sinais.

Agora, recém-amigos, encontrávamo-nos diariamente ao final do expediente de trabalho. Ele, vindo da Sucam, órgão do Ministério da Saúde, onde era convicto funcionário de baixo escalão (Max teve chances de alçar postos no serviço público, ao que sempre se opôs, temendo que novos encargos roubassem-lhe o tempo que precisava para escrever), e eu saindo de um dos muitos escritórios onde arrecadava salários ínfimos que, juntados, resultariam naquela soma exata e justa apenas para pagar as contas fixas em tempos de feroz inflação no país. Encontrávamo-nos diariamente no Bar do Parque nesses finais de tarde, não raro com rascunhos de poemas que eventualmente estivéssemos escrevendo naquele momento, e despedindo-nos pouco antes da hora do jantar, cada um seguindo o seu rumo de casa. Era a hora em que chegavam os boêmios de verdade ao bar — a troca de guardas.

Renga, a chain of poems, 1969

Foi nesse início de década que Benedito se despediu em direção aos EUA, contratado a lecionar por um ano na universidade de Austin, Texas, e de onde retornaria trazendo-nos de presente na bagagem um pequeno volume de poemas. Tratava-se de *Renga, a chain of poems*, livro com a experiência de quatro poetas ocidentais, reunidos por uma semana no subsolo de um hotel parisiense, em 1969, para escrever uma ‘cadeia de poemas’ (*renga*, em japonês) à maneira de uma forma muito popular de poesia comunitária no Japão a partir do século XIV, reunindo dois ou mais poetas: eram o mexicano Octavio Paz, o francês Jacques Roubaud, o italiano Edoardo Sanguineti e o inglês Charles Tomlinson, cada um deles escrevendo em sua própria língua um único poema que se afirmaria soberano e em que a ideia de autoria e propriedade jamais prevalecesse.

Já lembrei as origens desse nosso livro em questão em outro texto reminisciente e, mais recentemente, na orelha da nova edição de *A fala entre parêntesis*², a sair em 2017:

² A fala entre parêntesis (Belém, Ed. UFPA), no prelo, previsto a sair em 2017.

A ideia inicial foi a de traduzirmos para o português o famoso livrinho, devidamente xerocado e distribuído entre os participantes — Sylvia [esposa de Benedito], Benedito, Max e eu —, cada um de nós encarregado de um poeta (lembro que fiquei com Octavio Paz e Bené com o italiano, língua que à época, acho, estudava em lições particulares). Após uma ou duas reuniões para mostrar os resultados — pífios — das primeiras investidas no texto, resolvemos que não haveria tradução nenhuma, mas que escreveríamos a nossa própria renga, Max e eu, incentivados viva-mente por Sylvia e Bené. O livro, concluído meses depois, seria dedicado por direito e gratidão a eles, que tiveram ativa participação na edição: Sylvia arrecadando fundos entre amigos para viabilizar a publicação e Bené escrevendo o aclarador prefácio”.³

O livro⁴ viria à luz em 1982.

Creio que seguiríamos sendo grandes amigos, Max e eu, mesmo sem esse livro, mas logo tomamos certeza de que a experiência de escrevê-lo em parceria seria única e profunda, a nossa ainda incipiente amizade elevada à cumplicidade plena e à confiança incondicional durante esse período de gestação. (Vale aqui informar, entretanto, que jamais escrevemos na presença um do outro, mas utilizando uma pequena rede de comunicação dentro da cidade para a entrega das estrofes ao parceiro: bilhetes, rápidos papелotes enviados por mensageiros, através do correio ou entregues pessoalmente davam cabo desse nosso diálogo à distância). Além da natural e mútua influência que esses versos possam eventualmente denotar, houve, na verdade, bem mais que mero espelhamento entre duas gerações que se propõem a um diálogo artístico — o que experimentamos foi algo próximo à uma investidura na personalidade do outro, o que poderia pôr em perigo sobretudo a performance do poeta mais jovem e inexperiente, que entretanto sobreviveria ao embate. Shinkei, poeta japonês do século XV, preceituava que “a arte da *renga* não é a arte apenas de compor poemas ou versos, mas o exercício espiritual de penetrar o talento e a visão do outro”. Benedito atenta para algo semelhante em seu prefácio de *A fala entre parêntesis*:

Este livro não é o produto de simples co-autoria; encerra um único poema dos dois poetas, a dois concebido e a dois escrito (...) Tal é a compenetração estilística entre os diversos poemas que se torna difícil, ou quase impossível, salvo recorrendo-se à caligrafia, identificar o parceiro a quem pertencem⁵.

³ *O amigo Bené, fazedor de rumos*. Lília Chaves (Org.) (Belém, Secult, 2011).

⁴ *A fala entre parêntesis* (Belém, Semec/Grafisa/Edições Grápho, 1982).

⁵ *A fala entre parêntesis*, “Jogo marcado” (Belém, Semec/Grafisa/Edições Grápho, 1982).

A edição original do nosso livro trazia manuscritos preparados especialmente para a edição, a nossa caligrafia denunciando quem escrevera o quê no poema. E ressaltava:

Os versos de Max Martins e Age de Carvalho, aqui publicados, nada têm a ver com a orientalice, ou seja, com a moda, quase um exotismo, da atual cultura de massa, dos padrões de pensamento e de comportamento das civilizações orientais, adotados superficial e imitativamente⁶.

A fala entre parêntesis, 1982

Não vou aqui esmiuçar as estritas regras da renga original, com o seu sistema de *tankas* (o clássico poema japonês) e sua métrica delicada, amplamente esclarecidas na introdução de Octavio Paz na primeira edição de uma renga escrita no Ocidente, ou no prefácio de Benedito Nunes à nossa tentativa⁷. Mas posso adiantar que logo de saída resolvemos não seguir tais preceitos, pouco interessados em escrever poesia japonesa em português. Nossa deferência respeitosa à cultura do Japão apareceria apenas na referência a versos de Matsuo Bashô e às pedras do jardim zen do templo Ryoan-ji: escrevemos exatos 15 poemas, correspondentes às 15 pedras integrantes desse jardim calcário. Ou melhor: o livro contém 15 poemas, embora apenas 14 tenham sido realmente escritos — sendo o décimo-quinto composto por último, montado a partir de um verso de cada um dos poemas já escritos, resultando num soneto! O qual, por sua vez, segundo o mesmo Octavio Paz em sua introdução, seria a única forma regular do poema ocidental. Quer dizer: iniciávamos o livro com o poema regular de nossa tradição para chegar ao vers libre contemporâneo. E mais: esse último poema, composto dessa forma, resolvemos situá-lo no início do livro, encimado pela epígrafe de Edmond Jabès: “Marca com um sinal vermelho a primeira página do livro, pois a ferida é invisível em seu início”⁸. Com isso, à medida que o leitor avança na leitura, esses versos, um a um, vão aflorando de poema a poema (ou cadeia a cadeia), como se esse primeiro poema fosse se fazendo por si só.

A *Fala* (como passamos a nos referir ao nosso livro) é sobretudo um livro-homenagem, tributário de alguns poucos poetas e escritores de nossa admiração, muitos deles presentes por terem sido leitura atual àquele determinado momento (não por acaso alguns desses poetas apareceriam publicados na página de poesia *Grápho*, que editei em

⁶ Idem

⁷ *Renga, a chain of poems* (New York, George Braziller, 1971); *A fala entre parêntesis*, “Jogo marcado”, *op. cit.*

⁸ “Marque d’un signet rouge la première page du livre, car la blessure est invisible à son commencement”, no original.

jornais paraenses entre 1983 e 85). Além dos já citados Bashô, Paz e Jabès, William Blake, Georg Trakl, Paul Celan, Guimarães Rosa, Mário Faustino, Benedito Nunes (curiosamente Drummond não figura aqui, embora tenha sido sempre nome referencial para nós) comparecem de comum acordo. Haveria muitos outros, mas o caráter breve do livro não comportaria elenco mais largo.

O livro traz duas epígrafes gerais: a de Edmond Jabès (“Uma amizade não é senão uma troca de léxicos”⁹) foi escolha do Max, enquanto eu me decidi por uma de Guimarães Rosa, do *Grande Sertão* (“Eu era dois, diversos?”). Ambas retratam e querem enaltecer a amizade que já ali nos unia. Benedito, ainda em seu prefácio, ressaltava o caráter associativo e de companhia que esse longo poema pudesse significar para nós e para o leitor:

Poder-se-á chamá-lo, por analogia com o *symphilosophieren* — o sin-filosofar dos românticos alemães — a reflexão filosófica produzida por mútua simpatia, mediante o confronto dialógico dos pensadores reunidos —, um *simpoetar*: a criação entre poetas, na reciprocidade das experiências individuais em debate, compartilhadas, que se harmonizam, sem perder as suas diferenças, opostas mas não antagônicas, pelo comum foco da linguagem que as une entre si, como na música os acordes tonais unem várias linhas melódicas. Porque os parceiros são de certa maneira contendores, travando um embate, a *renga* é jogo (...) ¹⁰

E mais não saberia o que informar sobre este livro escrito há mais de trinta anos, cuja edição original contava com um expressivo ensaio fotográfico de Ronaldo Moraes Rêgo, nosso amigo, que resultou na capa e nas páginas ilustradas do miolo, realizado conosco, em parte, nas aleias do Bosque Rodrigues Alves e, à época, em terrenos baldios e em frente às fábricas abandonadas do bairro do Reduto, nas imediações da Doca de Souza Franco, em Belém; e em parte na estrada do Mosqueiro, nos dias 13 e 14 de novembro de 1981.

⁹ “Une amitié, ce n’est peut-être qu’un échange de lexique” no original.

¹⁰ *A fala entre parêntesis*, “Jogo marcado” op. cit.

Dito isso, gostaria de passar à leitura de alguns desses poemas do livro em questão, que em apenas duas oportunidades, se lembro bem, pude ler ao lado de meu parceiro: a primeira, em 1982, na Oficina Afrânio Coutinho, no Rio; e a outra, dez anos depois, na Casa da Linguagem, aqui em Belém, em 1991.

Investido dessa unidade mágica a que a sua morte definitivamente me relega, sou eu agora, sozinho, a ler esses poemas à amizade e ao companheirismo, respondendo talvez involuntariamente a indagação que um dia foi, para nós, aceno de dúvida e solidariedade: Eu era dois, diversos?

FIM